

APRESENTAÇÃO

Biografias e trajetórias: um exercício historiográfico

Guilherme de Mattos Gründling¹Laura Oliveira Motta²Marcela de Oliveira Santos Silva³

9

Ao longo dos séculos, estudiosos ao se dedicarem à tarefa da escrita da história, refletiram acerca dos métodos que viabilizassem o seu desenvolvimento. Com isso, surgiram obras e vertentes teóricas, cada uma defendendo seu modelo de análise e apresentando suas contribuições para questões ligadas ao uso de conceitos, de fontes e de metodologias adequadas ao fazer historiográfico. Em todas, há um ponto. O indivíduo sempre esteve presente como justificativa para o desenvolvimento da escrita da história. Como Marc Bloch salientou, “são os homens que [a história] quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. **Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça**” (Bloch, 2001, p. 54).

Nesse sentido, devemos nos perguntar: Por que acompanhar a vida de um indivíduo? Por quais razões os historiadores se dedicam a pesquisar sobre uma vida

¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, 2024), Bolsista CAPES. Integrante do Núcleo de Estudos da Política e História Social, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Possui Mestrado em História também no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ, 2019), Bolsista CAPES. Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015). Trabalha com temáticas relativas à formação do Estado nacional e das forças militares, elites provinciais, biografias e trajetórias e recrutamento e fronteiras do Império do Brasil no século XIX. E-mail: demattosgrundling@gmail.com

² Doutoranda em História com a pesquisa *Nobres Cidadãos Guardas Nacionais: sujeitos, estratégias e conflitos numa instituição militar da corte imperial (1831-1850)* pela UFRRJ. Bolsista CAPES. Mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com a pesquisa: *Entre a ordem e o medo: a utilização da Guarda Nacional no policiamento na cidade do Rio de Janeiro (1831-1835)* com bolsa CAPES. Atuou como bolsista PIBID/CAPES. Membro participante do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos da Política e História Social, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Dentre seus principais campos de estudo estão História do Brasil Império, Construção da Cidadania, Historiografia e Biografia.

³ Doutora em História pelo programa de Pós-Graduação em História - PPHR/UFRRJ, fui bolsista CAPES – doutorado e, atualmente, bolsista FAPERJ Nota 10 Doutorado, com a pesquisa “Os retratos de Hitler: a biografia como escrita historiográfica”. Mestre em História pela UFRRJ, com a pesquisa “Adolf Hitler, a personagem criada na biografia *Hitler: a study in tyranny* escrita por Alan Bullock, em 1952”; orientada pelo Professor Doutor Luis Edmundo de Souza Moraes. Fui bolsista FAPERJ Nota 10 de Mestrado. Licenciada em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2016). Fui bolsista de IC FAPERJ (2014-2015). Integrante do Núcleo de Estudos da Política e História Social (NEPHS-UFRRJ).

específica? Como narrar a vida de um ou mais indivíduos? Essas são indagações que costumam emergir quando tomamos a decisão de estudar histórias de indivíduos e de suas diferentes formas de se relacionar (Levi, 2000). Essas também são questões que unem os autores do presente dossiê. Segundo o historiador Carlo Ginzburg (1987, p. 10), quando elegemos a vida de um indivíduo como objeto da escrita, temos condições de recuperar “a fisionomia de uma cultura e o contexto na qual ela se moldou”.

Pesquisas e estudos que têm o indivíduo como ponto de partida – e aqui estamos falando desde célebres personagens até aqueles silenciados –, buscam entender e analisar um determinado acontecimento histórico. A partir de uma trajetória, perceber as diferentes ações dos indivíduos, em situações diversas. A narrativa de vida como acesso às redes de sociabilidades, oferecem destaque às complexidades de tais tramas de relações, de modo a desvelar a posição de tais forças nas dinâmicas do cotidiano (Levi, 2000).

Um exemplo disso é que os novos estudos prosopográficos têm se beneficiado, sobretudo com a possibilidade de perceber que as características dos indivíduos que compõem os espaços e biografias coletivas, não podem ser compreendidas em si mesmas, mas como vetores de estratégias múltiplas. E, neste sentido, apreender através dessas redes e articulações, o funcionamento social real das instituições ou dos meios onde agem os indivíduos estudados. De igual forma, são as novas perspectivas dos trabalhos da história da elite, bem como da burguesia, que estabelecem a gradativa substituição da história política clássica dos dominantes por um “aporte de mediações finas entre posição social, posição ideológica e dinâmica social” (Charle, 2006, p. 41).

Ao escrever a trajetória de um ou mais indivíduos, estamos submissos a duas demandas: os documentos e os motivos de interrogá-los. As fontes e a melhor forma de interpretá-las são os limites e as possibilidades das investigações que têm como propósito a escrita de uma vida do indivíduo (Ginzburg, 1987, p. 23). Desse modo, testamentos, cartas, livros, documentos de Estado, relatos de viagem, processos jurídicos, registros de batismo, e tantos outros, tornam-se a base, ou como Ginzburg assinala: os fragmentos para compor a narrativa de vida. Esses vestígios podem guiar-nos às dinâmicas sociais, culturais e econômicas de um determinado período histórico, à medida que explicitam a sociedade e as ações de uma personagem. Perpassando assim, diferentes momentos e espaços.

Compreendemos a escrita (auto) biográfica, prosopográfica e de trajetória como instrumentos para a construção dos discursos sobre o passado. Não obstante, entendemos que os temas e análises essenciais da história se diversificam segundo o tempo, o espaço e a instituição ao qual o historiador pertence. Considerando o esforço empreendido por inúmeros trabalhos que versam sobre os estudos de (auto) biografias e trajetórias, este dossiê se propõe a construir um espaço de diálogo e reflexão histórica que problematize com complexidade as correlações entre memória e história e suas múltiplas facetas. Tendo por objetivo congregar pesquisas que têm como tarefa, ao tomar (auto) biografia, prosopografia ou trajetória como fonte histórica, construir uma memória sobre o passado. No sentido de perceber os avanços e limites do campo em questão. E, de modo geral, tenta sugerir as possibilidades ainda não exploradas de métodos e conexões das diferentes metodologias.

O artigo “A construção da performance de um santo: uma análise da biografia de João de Brito”, de Alexandre Cabús, analisa criticamente a biografia escrita por Fernão Pereira de Britto sobre o jesuíta e missionário português João de Brito, canonizado em 1947. A pesquisa parte do pressuposto de que a biografia é mais do que um relato factual: é uma construção discursiva com fins edificantes, usada para legitimar sua santidade. O autor demonstra que João de Brito foi apresentado como um missionário-mártir, com base em arquétipos de santidade valorizados na tradição católica. A análise é feita a partir de duas edições da obra: a de 1722 e a de 1852, observando como cada uma reforça diferentes aspectos da santidade do biografado, especialmente na segunda edição, que inclui documentos e prefácio voltados à beatificação. A metodologia baseia-se na análise de conteúdo e no campo dos Performance Studies, principalmente com base nos conceitos de Richard Schechner. O artigo sustenta que a biografia age como uma performance textual, em que o autor, o leitor e o personagem interagem em torno de um objetivo comum: a construção de um mártir cristão exemplar. O estudo contribui com a historiografia ao propor uma leitura interdisciplinar das hagiografias, entendendo-as como formas de memória performática, que combinam tradição, intenção política e estratégias narrativas.

Também na análise de trajetória, o artigo “Josué de Castro (1908-1973) e a ditadura civil-militar brasileira”, de Lucas Barroso Rego, analisa a trajetória do médico, geógrafo e intelectual pernambucano Josué de Castro, destacando sua atuação antes e durante o regime autoritário instaurado em 1964 no Brasil. A pesquisa está vinculada ao

projeto da UFRJ que investiga as memórias e repressões sofridas por docentes durante a ditadura, da qual Josué foi uma das primeiras vítimas, tendo seus direitos políticos cassados e sendo exilado. O texto percorre desde sua formação acadêmica e engajamento nas áreas de saúde, nutrição e geografia humana, até sua consolidação como referência mundial no combate à fome.

Destaca sua atuação como deputado federal, presidente da FAO e embaixador do Brasil em Genebra. Após o golpe de 1964, foi destituído de seus cargos e, mesmo exilado, continuou sua militância intelectual por meio de palestras, publicações e atividades em universidades e organizações internacionais. O artigo demonstra como Josué de Castro resistiu à ditadura através da produção de conhecimento e da atuação internacional em defesa do desenvolvimento humano e da justiça social. A análise de sua trajetória revela a tensão entre repressão e resistência vivida por intelectuais exilados, bem como sua importância como símbolo de luta contra as desigualdades. O autor utiliza abordagem qualitativa e metodologia indiciária para reconstituir essa trajetória complexa, reafirmando o legado de Josué como figura central no pensamento crítico brasileiro.

Também identificamos abordagens que evidenciam a temática das mulheres, em especial das mulheres negras, suas representações e os desafios que perpassam suas trajetórias. O artigo “Justina Maria do Espírito Santo: um estudo de caso para compreender gênero, escravidão e maternidade a partir da segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro”, de Rita de Cássia Azevedo Ferreira de Vasconcelos, analisa a trajetória de Justina Maria, mulher negra, ex-escravizada e mãe do abolicionista José do Patrocínio, como chave para refletir sobre as intersecções entre gênero, escravidão e maternidade no Brasil Imperial. A autora defende que conhecer a história de Justina é reconhecer a importância das mulheres negras na história do Brasil, destacando o valor da maternidade como um ato político de resistência diante da violência estrutural da escravidão.

Uma abordagem interessante, o artigo “A escrita de biografemas como possibilidade historiográfica: Lélia Gonzalez e a cultura negra brasileira”, de Taynara Aparecida Ferreira da Silva, propõe uma reflexão sobre o uso da biografia na historiografia a partir do conceito de *biografema*, desenvolvido por Roland Barthes. Em vez de buscar narrativas lineares e totalizantes, o texto defende o uso de fragmentos que revelam aspectos marcantes da vida de um sujeito, valorizando a subjetividade e a afetividade na escrita da história. A autora escolheu como foco a trajetória da brilhante

Lélia Gonzalez, intelectual e militante negra, destacando especialmente sua atuação como professora do primeiro curso de Cultura Negra no Brasil, oferecido na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, entre 1976 e 1978.

A partir da proposta de “biografemar”, a autora constrói uma narrativa que entrelaça memória, ética e política, ao mesmo tempo em que problematiza os limites da historiografia tradicional e denuncia os apagamentos de intelectuais negros nos cânones acadêmicos. O texto também dialoga com o pensamento de autoras como Saidiya Hartman e Sueli Carneiro para discutir os silêncios, violências e lacunas nos arquivos históricos. Ao narrar fragmentos da vida de Lélia Gonzalez, a autora propõe uma escrita comprometida com a pluralidade, a justiça histórica e a descolonização do saber.

Por sua vez, Caio Corrêa Derossi, no texto “As narrativas de si e a escrita da História: relatos (auto) biográficos docentes, a formação e o ensino de História”, através de uma instigante perspectiva metodológica, convida o leitor a considerar as narrativas pessoais como elementos densos e legítimos para a pesquisa histórica, o ensino e a formação docente, sem ignorar as subjetividades, mas compreendendo-as como parte constitutiva do fazer historiográfico. Amparado nas contribuições de Lejeune (2008) sobre as narrativas (auto) biográficas, além das contribuições da Escola dos *Annales*, o autor analisa a trajetória de vida, de trabalho e de formação de Luísa, professora de história da educação básica, a partir dos seus relatos (auto) biográficos. Em um contexto contemporâneo, marcado por grande transformação social, política e tecnológica, a entrevista narrativa (auto) biográfica da professora como fonte e instrumento para a escrita da história, ressalta também as potencialidades heurísticas e hermenêuticas no que tange à formação e ao ensino de história.

Em “Os lugares dos *lugares de memória* dentro do espaço biográfico: vestígios transnacionais e a escrita da trajetória de padre Pietro Colbacchini”, Fábio Luiz Machioski propõe uma reflexão importante a respeito da intersecção entre a memória e o espaço biográfico, avaliando de que maneira os lugares de memória vividos e ocupados pelos personagens históricos estudados podem ser úteis à escrita de sua história de vida. Para tanto, utilizando-se da concepção de “biografemas”, sugerida por Barthes (1990), procura reunir vestígios que constituem não somente a memória como também a trajetória do padre Pietro Colbacchini. Em outras palavras, o autor reconhece a multiplicidade de vozes e imagens que compõem o espaço biográfico desse personagem, evidenciando as

diferentes representações atribuídas a sua memória, assim como as distintas facetas assumidas ao longo de sua trajetória.

No texto de Gabriel Braz de Oliveira, “Francisco Fernandes Palha Júnior: o ‘Delegado Chico-Palha’ (1891-1964): a construção do herói pelas manchetes cariocas”, os leitores são convidados a acompanhar o cotidiano de trabalho da Polícia Civil do Rio de Janeiro, através dos principais periódicos impressos na cidade durante a primeira metade do século XX. O “delegado Chico-Palha”, fio-condutor do artigo, é retratado de forma apologética nas manchetes dos jornais, apesar da arbitrariedade e violência de seus métodos investigativos. Segundo o autor, isso sugere que a imprensa tenha sido cúmplice do processo de construção do “mito do herói”. Sendo assim, o artigo apresenta um interessante problema de pesquisa, entre outras coisas, avaliando os fatores que configuravam a relação entre a Polícia Civil do Rio de Janeiro e a imprensa escrita, entre 1917 e 1948.

O artigo escrito por Leandro Duarte Montañó, “O formar-se do ‘africano’ ‘Negro André’: a trajetória de André Rebouças a partir de suas experiências na construção de direitos para além da liberdade, 1870-1880”, dedica-se à trajetória intelectual do abolicionista negro André Rebouças, entendendo-o a partir do que se denomina “dimensão atlântica de suas experiências”. O autor procura entender a atuação e as reflexões desenvolvidas por Rebouças, a sua crítica aos entraves estruturais do Brasil, em particular o racismo, a concentração fundiária e a exclusão educacional baseadas em preconceitos de raça e de classe social. Sendo assim, ao acompanhar as experiências pessoais e profissionais do personagem, vividas dentro e fora do país – especialmente nos EUA e na Europa –, o autor ilumina uma faceta importante dessa trajetória, em relação aos direitos civis e às transformações sociais e econômicas, que se tornaram fundamentais para o enfrentamento da escravidão.

O texto que encerra este dossiê reflete sobre os desafios e as possibilidades de escrita biográfica no campo da História, através da micro-história enquanto metodologia de análise. Em “Aos reis do choro e do samba: as ambiguidades dentro de uma biografia”, Pedro Henrique Souza dos Santos trabalha com as trajetórias de Alfredo da Rocha Vianna Filho (Pixinguinha) e de seu irmão Octávio Littleton da Rocha Vianna (China), músicos negros que encontraram fama vivendo no Rio de Janeiro da Primeira República (1889-1930). Para tanto, como aporte documental, o autor recorre a periódicos cariocas, em especial *O Jornal*, investigando os silêncios, as contradições e as disputas de sentido que

atravessam as vidas desses personagens. Em outras palavras, tendo como pano de fundo o racismo estrutural, o artigo examina as posturas contraditórias desses sujeitos em relação à cultura afrodiaspórica, evidenciando como o caráter singular de suas vidas iluminam questões estruturais e podem ampliar os horizontes da narrativa histórica.

Por fim, na seção de artigos livres, temos o texto de Marcelo Augusto Mendonça Domingues, intitulado “A Nação brasileira no Catálogo da Exposição de História do Brasil (1882) da Biblioteca Nacional”. O autor identificou como eixo de análise a exposição organizada por Ramiz Galvão, então diretor da Biblioteca Nacional, e reflete sobre a relação entre romantismo, historiografia e construção da ideia de nação no Brasil oitocentista. A partir de uma leitura crítica do catálogo – compreendido tanto como documento quanto como monumento –, o autor examinou a forma como os elementos culturais, artísticos e bibliográficos foram mobilizados com o propósito de configurar uma memória nacional.

Ao recorrer ao contexto intelectual do romantismo brasileiro e à sua vinculação aos projetos de afirmação da identidade nacional, o estudo insere a exposição em um contexto de modernização do Estado imperial e de consolidação de instituições voltadas à produção e difusão de uma história brasileira e na evocação de um passado nacional. Portanto, o catálogo da exposição organizada por Ramiz Galvão, ao classificar, hierarquizar e divulgar um vasto acervo documental, revela não apenas uma seleção de conteúdos, mas também uma forma de pensar a nacionalidade, definindo os contornos daquilo que se pretendia realmente destacar como “História do Brasil”.

Referências:

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

CHARLE, Christophe. “A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas”. In: HEINZ, Flávio (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.